

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

**BRENO FAZIO ANTUNES
PAULO HENRIQUE ROMAGNA DA SILVA**

**PROPOSTA METODOLÓGICA DO ENSINO DE ESPORTES
COLETIVOS NÃO CONVENCIONAIS NA ESCOLA**

Vitória
2021

BRENO FAZIO ANTUNES
PAULO HENRIQUE ROMAGNA DA SILVA

**PROPOSTA METODOLÓGICA DO ENSINO DE ESPORTES
COLETIVOS NÃO CONVENCIONAIS NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de Licenciado em
Educação Física pela Universidade
Federal do Espírito Santo.

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de
Oliveira

Vitória

2021

RESUMO

Quando consideramos os esportes coletivos para o presente trabalho, em primeiro lugar, buscamos contemplar uma prática e intervenção construtiva, enriquecedora e inovadora para os discentes e docentes e, através da busca por diferentes possibilidades, realizamos um grande processo para efetivar a proposta. Desta forma, este estudo teve como objetivo apresentar os esportes coletivos não convencionais como alternativa de conteúdo na Educação Física escolar para a turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, com oito planos de aula no total, sendo quatro para a modalidade Rugby e quatro para Beisebol. Diante do perfil em que o esporte é conhecido como uma das ferramentas que caracterizam a Educação Física, buscamos realizar uma metodologia ativa e diversificada, contendo dinâmicas que envolvem confecção de materiais, atividades em duplas, trios e grupos maiores, jogos de perguntas e respostas, brincadeiras que remetem o jogo oficial, entre outros, proporcionando assim, vivências inovadoras aos alunos e novas possibilidades metodológicas para os professores. Assim, para compreender esses esportes, optamos primeiramente pela exposição histórica e normativa dos conteúdos Rugby e Beisebol. Entretanto, observamos a necessidade de ressignificar essas modalidades na parte prática. Com isso, propomos o Tacobol, Base 4, Tag Rugby e alguns minijogos como forma de aproximação com a prática oficial dos jogos. Vale dizer que este estudo foi feito no período de pandemia, ou seja, a realização de oficinas práticas dos determinados esportes ficou inviabilizada. Com isso, o trabalho ficou limitado a um cunho teórico com uma sequência de planos de aula que oferecem a possibilidade de realização de forma prática.

Palavras-chave: Rugby, Beisebol, Educação Física, Esportes não convencionais.

ABSTRACT

When we consider team sports for the present work, in the first place, we seek to contemplate a constructive, enriching and innovative practice and intervention for students and teachers and, through the search for different possibilities, we carry out a great process to implement the proposal. Thus, this study aimed to present non-conventional sports as an alternative content in Physical Education for the eighth grade classes of Elementary School with eight lesson plans in total, four for Rugby and four for Baseball. Given the profile in which sport is known as one of the tools that characterize Physical Education, we seek to carry out an active and diversified method, containing dynamics that involve the preparation of materials, activities in pairs, trios and larger groups, question-and-answer games, games that refer to the official game among others, thus providing innovative experiences for students and new possibilities for teachers. Therefore, in order to understand sports, we have chosen mainly to expose the historical and normative contents of Rugby and Baseball, and, however, we observe the need to reframe these modalities in the practical part. With that, we propose Tacobol, Base 4, Tag Rugby and some mini-games, as a way of approaching the official practice of the games. It is worth mentioning that this study was carried out during the Pandemic period, that is, the holding of practical workshops for certain sports was not feasible. With this, the work was limited to a theoretical nature with a sequence of lesson plans that offer the possibility of carrying out in a practical way.

Key words: Rugby, Baseball, Physical Education, Non-conventional Sports.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – TACOBOL.....	20
FIGURA 2 – BASE 4.....	21
FIGURA 3 – TAG RUGBY.....	22
FIGURA 4 – MINI-JOGOS.....	23

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	6
2.REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
2.1 O Rugby.....	11
2.2 O Beisebol.....	14
3.OBJETIVOS	17
3.1 Objetivos Gerais.....	17
3.2 Objetivos Específicos.....	17
4.METODOLOGIA	18
4.1 Tacobol/Bet's.....	19
4.2 Base 4.....	20
4.3 Tag Rugby.....	22
4.4 Mini-jogos.....	23
5.RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
8.ANEXOS	31
8.1 Planos de aula.....	31
8.2 Confeção do material didático.....	39

1. INTRODUÇÃO

O perfil da Educação Física experienciou e ainda experimenta diversos desdobramentos e transformações na sua construção no decorrer dos anos, tendo, logicamente, um toque da sociedade quanto a essas mudanças. Em diversos momentos, ela tem sido vista sob uma ótica de disciplina complementar ou depreciativa, mas vale dizer, que ela possui um valor imensurável para a Educação, graças a suas fundamentações, intenções e todo seu efeito no processo de formação de um indivíduo.

As mudanças históricas que a Educação Física viveu resultaram em um problema de compreensão plena da sua característica, isto é, sua identidade e objeto. A visão tradicional, quando é rompida na década de 80, resulta em novas concepções e um debate em torno da mesma. Assim, na década de 90, aparece de forma mais materializada quando emergem as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que se apresentam para guiar as atividades educacionais nas instituições. Atualmente, após vários planos e diretrizes chegamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que é o principal documento normativo para as redes de ensino e oferece muitas possibilidades em seus ideais. Assim, a Educação Física Escolar, assume um papel de aderir aos aspectos cognitivos, socioculturais e por fim, a afetividade dos alunos. A adesão ao estudo corporal do movimento passou a ser o resultado da ampliação dos saberes do movimento humano, buscando base em diversos aspectos (psicológicos, sociais, didáticos e biológicos), que se transformaram em um espaço de reflexão e diálogo dentro da escola. A adesão aos conteúdos de jogos e brincadeiras, lutas, esportes, dança e ginástica, surge por meio da concepção da cultura corporal de movimento, e dessa forma, é possível a formação de um indivíduo capaz de criticidade, usufruir da qualidade de vida. Portanto, ao pensar no universo de possibilidades de conteúdos que podem ser abordados numa aula de Educação Física, fica claro que é necessário ofertar práticas inovadoras aos alunos. O Beisebol e o Rugby são exemplos de esportes que geralmente não são praticados nas aulas de Educação Física no Brasil e, se forem implantados de uma forma viável para o ambiente escolar, surge a possibilidade deles serem vivenciados.

É evidente que os esportes, em geral, são um bom meio de obter uma condição física saudável de lazer, de educação e de qualidade de vida. No âmbito escolar, com o enfoque na disciplina de Educação Física, mesmo sabendo dos valores relacionados ao esporte, existe uma grande polêmica em torno da forma como se deve ensinar. Tendo como princípio básico dos esportes na escola a inclusão, González, Bracht (2012, p. 10-11) apresentam uma lista de possíveis justificativas que aparecem explícitas e ou implícitas em livros, documentos e até mesmo no âmbito escolar:

[...] O esporte é um bom meio de desenvolver qualidades sociais e morais (espírito colaborativo, espírito competitivo, capacidade de assimilar derrotas e vitórias, respeito às regras etc.) ensinar os esportes nas aulas de Educação Física vai permitir massificar a prática do esporte em nosso país; [...] Aprender a praticar esportes pode significar incorporar essa prática no seu estilo de vida e, portanto, garantir uma vida mais saudável e de melhor qualidade; o esporte faz parte da nossa cultura e participa de forma bastante intensa da vida de muitas pessoas, assim, conhecê-lo significa poder participar mais plenamente da vida social; aprender a praticar esportes permitirá que o aluno opte por realizar essa prática em seu lazer.

Tendo em vista que o esporte é conhecido como um dos maiores mecanismos que caracterizam a educação física na escola e que, atualmente os esportes convencionais (futebol, voleibol, basquetebol e handebol), também conhecidos como “Quarteto Fantástico” dominam a maioria das aulas por todo o Brasil, fica claro que é primordial ofertar novas abordagens de outros conteúdos aos estudantes, mas, lembrando que essas práticas comuns e tradicionais no Brasil devem ser valorizadas, pois possuem um grande valor no acervo das práticas corporais. E, para contemplar em torno dessas abordagens, qual seria o caminho que os alunos poderiam desenvolver interesse por novas práticas corporais? Optamos pelo não convencional, que direciona para um perfil pouco intimista com as práticas tradicionais, buscando, de forma pouco invasiva, apresentar esses conteúdos.

Assim, a ampliação de conhecimento sobre outros esportes que essa pesquisa busca expor, os professores podem identificar essas possibilidades como novas formas de ensino, potencializando seu arsenal nas brincadeiras, jogos e demais atividades. Essas práticas inovadoras, fora dos costumes da sociedade brasileira, podem acabar gerando a curiosidade do estudante e,

consequentemente, resultar numa aula rica em conteúdo e participação dos alunos. Mas como podemos evitar que haja desaprovação pelas práticas oferecidas e ocorra a interação? Iremos propor que os próprios alunos façam a confecção de alguns materiais que serão utilizados na prática como, por exemplo, o taco de beisebol, que pode ser feito com vários materiais diferentes, que não apresentam risco aos alunos e são fáceis e acessíveis de encontrar. Pais (2000) discute que o uso de recurso didático envolve uma diversidade de elementos utilizados como suporte experimental de organização do processo de ensino aprendizagem, ou seja, o recurso é um mediador que facilita a interação professor-aluno e o conhecimento. Desta forma, percebemos que, ao elaborarmos um recurso didático manipulável e interativo, favorecemos o processo de aprendizagem sobre o tema, e assim conseguimos aproximar mais os estudantes da prática.

Contudo, vale dizer que existe a problemática em torno do perfil não convencional, pois é necessário por parte do professor um conhecimento prévio da prática pedagógica para que haja a atividade derivada do esporte propriamente dito. Neste ponto surge a primeira resistência relacionada à intervenção. Outros possíveis empecilhos como material, espaço físico ou até o interesse dos alunos podem, a princípio, dificultar o processo de aprendizagem. Portanto, cabe ao professor observar com a ótica de até onde ele pode conseguir efetuar a proposta com desempenho efetivo.

Certamente, este estudo contribui para o leitor compreender que é possível utilizar o acervo da Educação Física sobre alguns esportes coletivos não convencionais, bem como compreender que o conteúdo contribui para a experiência corporal do jogo com os alunos.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Antes de tudo, percebemos a importância dos jogos coletivos num contexto social, escolar e cultural. Coutinho e Silva (2009) afirmam que os JEC (Jogos Esportivos Coletivos) são um grande elemento da cultura de nosso país e um excelente meio para a formação de cidadãos, visto os excelentes benefícios que essa prática realizada de forma criteriosa, sadia e provida de objetivos pode trazer aos estudantes. Contudo, a Educação Física escolar brasileira, em muitos casos, não está tendo a maioria desses benefícios, isso porque, geralmente, ela vem sendo restrita a poucos esportes ou em muitos casos as escolas não possuem estrutura para quadra e/ou espaço recreativo, bem como o professor ter receio do conteúdo, falta de cuidado com materiais ou desinteresse por parte dos discentes. Além disso, é comum ver a falta de planejamento e estruturação das aulas, sem apresentar objetivos no ensino das práticas, desta forma, reduzindo a vivência a uma recreação, tirando assim a legitimidade da educação física no determinado contexto. Oliveira (2011) afirma que a Educação Física vem perdendo espaço para as disciplinas “tradicionais”, em um contexto educacional em que há preocupação excessiva em preparar os estudantes para o futuro profissional. Somado a esse estudo, Nascimento e Garces (2013), estudando a realidade da Educação Física no Rio Grande do Sul acerca de seus objetivos e importância, apontaram que professores de outras disciplinas dos anos finais do Ensino Fundamental não veem muita importância pedagógica da presença da Educação Física na escola, sendo essa considerada como uma espécie de “recreio”. Baia e Bonifácio (2016) acreditam que a visão dos alunos acerca da Educação Física escolar é cultural. Portanto, depende dos professores de Educação Física e de toda a comunidade escolar alterar essa visão.

O esporte advindo do ambiente cultural tem sido escolarizado ao longo dos anos e surge por si, como um dos aspectos de ensino da Educação Física escolar. Para tanto, considerando as diversas culturas e demais possibilidades que oferecem, como a escola se insere nesse aspecto cultural e vice-versa? Talvez o aspecto principal seja que a história do esporte, no Brasil, destaca-se de maneira popular, ou seja, por meio do envolvimento de todos (o futebol seria

o melhor exemplo deles). Vago (2012) aponta para uma relação de tensão permanente entre o esporte da sociedade e o esporte da escola, este último refere-se à construção de uma cultura escolar de esporte passando a ser ensinado a partir de seus códigos construídos dentro do ambiente escolar. A necessidade de contrapor a “tradição” pela “inovação” requer dos profissionais um pensamento crítico e reflexivo que exige esforço, dedicação e formação continuada (COSTA; NASCIMENTO, 2004).

As mudanças curriculares, bem como as necessidades e motivações dos jovens que frequentam as nossas escolas tornam-se cada vez mais importantes ao ponto de considerar que se torna importante por parte do professor de educação física, encontrar novas soluções e novas motivações no decorrer do processo de ensino-aprendizagem (VAZ, 2005). Dando como exemplo um dos esportes trabalhados aqui, no caso, o Rugby, para Vaz (2005) a prática dessa modalidade permite a participação de pessoas com diferentes tipos físicos (gordos, magros, altos, baixos) valorizando a importância de cada jogador em campo, além de trabalhar o corpo como um todo, utilizando habilidades com o recrutamento de membros superiores e inferiores, possibilitando novos desafios aos seus participantes.

González e Fensterseifer (2010) afirmam que se não for oferecida ao estudante a chance de experimentar boa parte do leque de possibilidades de movimento sistematizadas pelos seres humanos ao longo de vários anos, ele estará perdendo parte do acervo cultural da humanidade e uma possibilidade singular de perceber o mundo e de perceber-se. Desta forma, a contribuição da abordagem de práticas inovadoras de esportes coletivos na Educação Física escolar acaba englobando diversos benefícios para a disciplina, seus docentes e alunos.

O Coletivo de Autores (1992) discute que ao se montar uma proposta com os Jogos Esportivos Coletivos (JEC), é necessário que os jogos sejam utilizados com adaptações/modificações de regras, ou mesmo o jogo com suas regras específicas (institucionalizadas) sendo que este não se mantenha apenas nos gestos técnicos. Contudo, não significa retirá-los, mas para que o aluno aprenda de forma completa é necessário ir além do apenas jogar ou dominar um gesto

técnico. As alterações foram feitas para permitir que os estudantes pudessem vivenciar a modalidade sem que a descaracterizasse, garantindo a integridade física de todos, os quais não apresentam condições físicas, materiais e espaço como exigido no esporte presente fora da escola (BAIA; BONIFÁCIO, 2016). Com isso, este estudo visa apresentar e demonstrar algumas possibilidades de aplicação de esportes não tradicionais no Brasil, incluindo a todos.

2.1 O Rugby

Ao comparar as possibilidades e perfis práticos nas escolas com outras modalidades esportivas, o Rugby comparece a fins históricos e desportivos, mas não com o intuito que procuramos em possibilidades, estratégias e adequações. Para fins de compreensão, com o breve relato de: O Rugby dentro da escola: ampliando conhecimentos e quebrando paradigmas sobre o esporte (SANTANA; LIRA, 2013), foi possível compreender materiais e métodos através de uma pesquisa-ação, bem como, interpretar a quebra de paradigmas e estigmas sobre o conteúdo.

Usando as quatro referências que encontramos para prática do Rugby, nos aproximamos para compreender melhor a prática, metodologia, conhecimentos, inclusão, desafios e possibilidades. Iniciamos este aprofundamento sobre o Rugby, apresentando brevemente sua origem. No caso, aconteceu na Inglaterra em 1823 por Willian Webb quando, em uma das aulas de educação física com a prática de futebol, ele pegou a bola nas mãos e saiu correndo em direção ao gol da equipe adversária (Confederação Brasileira de Rugby, 2010). Curiosamente, o nome surgiu devido ao nome da escola que ele estudava e o esporte evoluiu através do trabalho conjunto dele e seus colegas de escola e outros alunos de Cambridge. Desta forma, entre 1845 e 1848, elaboraram as primeiras normas da modalidade. A primeira federação de Rugby nasceu em 1871, a *Rugby Football Union*, da Inglaterra e, em 1886, surgiu a *International Rugby Board*, entidade internacional que regulamenta o esporte até hoje.

Quase 200 anos após sua criação, o Rugby é atualmente o segundo esporte mais praticado em todo mundo, perdendo apenas para o futebol, que também teve sua origem na Inglaterra (International Rugby Board, 2008).

No Brasil, estima-se que o Rugby tenha chegado com Charles Miller entre 1875 e 1891, sendo um dos primeiros esportes a ser praticado no país. Mas, somente a partir de 1990 que o Rugby vem conquistando adeptos no território brasileiro, principalmente no estado de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (Confederação Brasileira de Rugby, 2010).

Contudo, no ambiente escolar brasileiro, o Rugby continua sendo raramente praticado. Já na Inglaterra, que foi pioneira na utilização deste esporte como meio de educação, por iniciativa de Thomas Arnold, em 1828, ela considera seus jogos de suma importância, pois influencia a socialização e educa para a cooperação, a autodisciplina, a iniciativa, a liderança, o espírito de equipe e ação coletiva (Betti apud Reis et al, 2009). Isso só é possível devido a suas principais características, para a International Rugby Board (2008), o Rugby tem fundamentos básicos, como: avançar, apoiar, continuidade e a pressão que dão a dinâmica ao jogo e, diferente de outros esportes coletivos, trata essencialmente da criação e utilização do espaço e da participação de todos os componentes da equipe para atingir o objetivo. Os vencedores de um jogo serão os atletas da equipe que conseguirem se colocar nos espaços vazios e utilizá-los com sabedoria, e que consigam também negar aos seus adversários tanto a posse da bola quanto o espaço para utilizar essa posse. Assim como, obviamente, é necessário que o jogador saiba algumas normas do jogo, visando a execução correta do esporte, achamos necessário esclarecer algumas regras básicas de jogabilidade ao falar do Rugby.

Primeiramente vale destacar que existe duas possibilidades de jogar: XV e Sevens; XV joga-se em duas equipes de 15 jogadores, 2 tempos de 40 minutos em um campo de 100m x 70m; enquanto Sevens são duas equipes de 7 jogadores com 2 tempos de 7 minutos apenas, entretanto, com mesmas dimensões.

1ª regra: O Rugby, exclusivamente, deve-se jogar com a bola sendo passada para o lado ou para trás, sendo o chute a única possibilidade para a frente;

2ª regra: Apenas o atleta que está com a posse da bola pode ser derrubado (a ação de derrubar chama-se tackle), e o contato só pode ser efetuado na linha do peito para baixo;

Para pontuar existem 4 possibilidades: Try, onde o jogador deve atravessar a linha do gol do adversário e colocar a bola no chão, vale 5 pontos; a conversão que depois da marcação do Try, a equipe que pontuou tem direito ao chute para o H, e nesse caso, a bola fica parada (no Sevens o chute executa-se com um drop goal) para o chute, vale 2 pontos. Drop goal, classificado como um chute em que a bola deve quicar antes do mesmo para passar no H (tal ação pode ser feita em qualquer momento do jogo), 3 pontos.

As bolas paradas classificam-se em duas possibilidades: line-out e scrum. O line-out quando a bola sai pela lateral, são formadas duas filas paralelas e a bola deve ser lançada entre elas e as equipes se posicionam para tomar posse e por fim, o scrum é a possibilidade de reinício do jogo, ocorre quando há infração leve (passe pra frente).

Com isso, tendo em vista toda a jogabilidade que caracteriza o jogo, devemos estar atentos nas adequações para/com a escola a fim de manter a essência do jogo. As formas propostas pela Federação Portuguesa de Rugby (F.P.R) para o ensino do Rugby na escola privilegiam a circulação de bola, assim, é mantido a regra dos passes e o reposicionamento constante dos jogadores, devendo ser evitado o confronto físico entre os alunos e o jogo deve ser entendido como um meio e não como um fim (VAZ, 2005). Dessa forma, vale considerar a possibilidade de readequação do Tackle (queda do jogador com a posse da bola) e executar o jogo Tag Rugby, em que a derrubada do jogador com a posse de bola é substituído pela retirada de uma fita amarrada a cintura de tal jogador.

2.2 O Beisebol

Similar ao Rugby, o Beisebol apresenta pouco material relacionado ao nosso tema, em que, das três referências apresentadas no início da revisão, apenas uma contempla de fato o que pretendemos abordar de mais específico neste tópico, sendo ela: “É possível o beisebol ser trabalhado nas aulas de Educação Física escolar? (MELO, 2008)”, as outras estão mais ligadas a metodologia e relatos de experiência, por exemplo, que serão mais prolíferas em futuros tópicos.

Com isso, seguindo o mesmo roteiro do tópico de Rugby, apresentamos primeiramente os aspectos históricos. No caso, baseado em Duarte (2004), o beisebol aparenta ser mais um esporte que os ingleses inventaram e suas origens se designam do século XVIII. Na Inglaterra jogava-se um jogo bem parecido chamado *rouders*. Com o domínio inglês nesta época seus costumes foram levados às suas Colônias, entre elas, os Estados Unidos. Em terras americanas, o *rouders* muda de nomes algumas vezes até se tornar beisebol e com o passar do tempo e evolução do jogo, o esporte teve suas primeiras regras sistematizadas em 1839.

Já no Brasil, o beisebol foi trazido no início do Século XX por americanos que vieram trabalhar por aqui, dando os primeiros passos para a criação da liga de beisebol na década de 20. Posteriormente, a chegada dos imigrantes japoneses fez a inserção para o beisebol em terras brasileiras, criando clubes e equipes para que houvesse a prática dos recém-chegados.

Embora não seja muito praticado no país, em 1946 surgiu em São Paulo a Federação Paulista de Beisebol e Softbol (FPBS). Depois disso, sua prática espalhou-se por diversos estados brasileiros. E em 1990, foi fundada a Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS), sendo esse o órgão responsável pela organização de eventos dessa modalidade em nível nacional.

Diferentemente do Rugby, o Beisebol, de certa forma, está mais presente na cultura brasileira através de principalmente os jogos que remetem a ele, como, por exemplo, o tacobol que aparece, às vezes, nas aulas de educação física e nas ruas como brincadeira praticada pelos jovens.

Contudo, diferente desse jogo com características parecidas com o Beisebol, o esporte de fato exige muito treinamento dos jogadores, visando à agilidade, o condicionamento físico e a precisão que lhes são indispensáveis. Melo (2008) afirma que o beisebol é um esporte marcado pela relação existente entre o ataque e a defesa. Cada equipe possui os seus tempos de ataque e tempos de defesa. Um jogo tem a duração de 09 (nove) alternâncias entre o ataque e a defesa. Uma equipe sai da situação de defesa ao eliminar três atacantes adversários. Um atacante é eliminado quando:

1. Não consegue rebater a bola em três tentativas;
2. Os jogadores de defesa apanham a bola, rebatida por ele, antes que ela toque o solo;
3. Um defensor apanha a bola e toca-o antes que ele atinja a base seguinte;
4. A bola rebatida é lançada ao defensor próximo à base que ele (atacante) tenta alcançar e o defensor toca a base (de posse da bola) antes que ele mesmo o faça.

O ataque é identificado quando há o arremesso, rebatimento e realização de corridas. Uma equipe pontua toda vez que um atacante gira em torno das quatro bases sem ser eliminado.

Diante do que foi exposto, fica claro que o Beisebol é um esporte que necessita de menos alterações em relação ao Rugby, preservando assim, ainda mais suas principais características. Contudo, tendo em vista o ambiente e espaço escolar disponíveis, assim como a progressão pedagógica para/com os alunos visando suas aproximações com a prática, devemos realizar algumas modificações. Primeiramente referente aos materiais, em que, não serão utilizados os objetos oficiais como taco e bola, sendo substituídos por materiais como cabo de vassoura e bola de vôlei (principalmente caso houver a aplicabilidade para turmas de Ensino Fundamental 1), ou confecção de uma bola intermediária para prática com turmas finais de Ensino Fundamental 2, por exemplo. Outra mudança se refere a finalização da jogada pela defesa depois de uma recepção, no caso, o ataque só termina quando o arremessador leva a bola ao chão, diferentemente das regras oficiais que qualquer defensor pode levar a bola ao chão se estiver em uma determinada base.

Com isso, tendo apenas essas duas alterações, mantendo as principais normas e características específicas dessa modalidade, temos o jogo que remete ao beisebol que pretendemos abordar, chamado Base 4.

3.OBJETIVOS

3.1 Objetivos Gerais

- Apresentar propostas metodológicas e práticas esportivas diferenciadas nas aulas de Educação Física escolar;

3.2 Objetivos Específicos

- Propor a experimentação de dois esportes não convencionais no Brasil, sendo eles: O Rugby e o Beisebol;
- Ampliar as possibilidades das experiências esportivas no contexto escolar;

4. METODOLOGIA

Para compreender a área, buscamos pesquisar na base de dados Scielo e CAPES utilizando as palavras-chave: Metodologia de ensino dos esportes, Esportes não convencionais (inclusive com hífen) e Esportes da Escola. Primeiramente, na base de dados CAPES, foram encontrados 352 artigos usando as palavras-chave Metodologia de ensino dos esportes (apenas 2 relacionados com a temática), Esporte não convencionais propiciou 42 estudos (2 contemplam a temática) e por fim, Esportes da escola onde gerou 1025 estudos que delimitados ao perfil da educação física (nenhum era relacionado ao nosso tema).

Vale esclarecer que inicialmente a proposta aconteceria de forma presencial, tendo a aprovação do professor e instituição de ensino para execução das oficinas. Contudo, no ano de 2020, foi inviabilizado a realização das oficinas práticas de cada proposta, pois neste período em questão o mundo passava por um momento de pandemia viral que restringia o contato entre as pessoas, desta forma impossibilitando a realização de aulas práticas de Educação Física nas escolas. Portanto, readequamos a proposta para uma aplicação teórica com cunho prático a fim de contribuir com a iniciação dos esportes não convencionais.

Desta forma, o presente trabalho consiste em primeiramente compreender o acervo bibliográfico do esporte coletivo sobre o Rugby e Beisebol, identificar suas possibilidades na escola de acordo com a faixa etária e buscar alternativas e propor dinâmicas que possam atender a todos os alunos, deixando-os motivados e ativos durante a aula. Pretendemos, com este estudo, desenvolver e contribuir com duas possibilidades de planos de ensino nos quais haverá a aplicação de 4 aulas de Rugby e 4 de Beisebol (cada).

Durante as aulas, procuramos estabelecer uma progressão pedagógica para deixar o conteúdo suficientemente acessível e compreensível. Isso deve ocorrer desde a confecção de materiais, aulas em sala (com proposta de introdução do contexto histórico, regras e características) e jogos que fazem minimamente parte do espectro do Beisebol (Tacobol e Base 4) e do Rugby (Tag

Rugby e Mini-jogos). Falando sobre a confecção de materiais em específico, é crucial remeter a primeira aula do plano de Beisebol, pois ocorre com os alunos a criação do taco usado nas aulas. A construção dele necessita de alguns materiais, entre eles uma garrafa pet, um ou dois parafusos, cabo de vassoura e tiras de E. V. A. Com essas ferramentas disponíveis, o professor deve preparar minimamente antes das aulas as garrafas pet com um furo na base do bocal e no fundo da garrafa, os cabos de vassoura serrados ao meio (cada cabo possibilita dois tacos) e algumas chaves de fenda ou phillips. Após a garrafa pet preparada, coloca-se o E.V.A. em tiras no interior do pet para haver um certo peso e evitar que deforme a garrafa, o cabo de vassoura é fixado no fundo do pet através dos parafusos que são enroscados pelas chaves. Assim, é possível fazer adornos como fita isolante ou veda cano para deixar o cabo do taco mais confortável para manuseio.

Diante disso, é sempre importante ressaltar os cuidados com esses materiais e manter-se atento durante a confecção do taco e para eventuais dúvidas de construção, está posto em ANEXOS as fotos da construção do taco que fizemos. Além das imagens, os planos de aula também estão disponíveis em ANEXOS e as suas principais atividades serão expostas com mais detalhes a seguir:

4.1 Tacobol

No Tacobol ou Bet 's existem específicas regras que podem alterar de acordo com a cultura da região (justifica-se também vários nomes que podem surgir). Vale, nesse momento, destacar tais regras e explicar que o jogo consiste em desenhar com o giz dois círculos a uma distância considerável um do outro, e dentro do círculo, uma lata ou outro objeto. Serão dois times de 2 jogadores cada (rebatedores e lançadores). Os rebatedores devem acertar a bola lançada para fazer com que o lançador saia da base e possa pontuar. Enquanto os lançadores devem derrubar a base com a bolinha, lançando-a, mas caso ocorra o rebatimento, o lançador deve alcançar a bola para derrubar a base ou queimar o jogador, a fim de tomar o taco e ter sua vez de pontuar. Além dessas, existem

outras regras importantes que colocaremos abaixo, assim como uma imagem para facilitar na ilustração e compreensão do jogo:

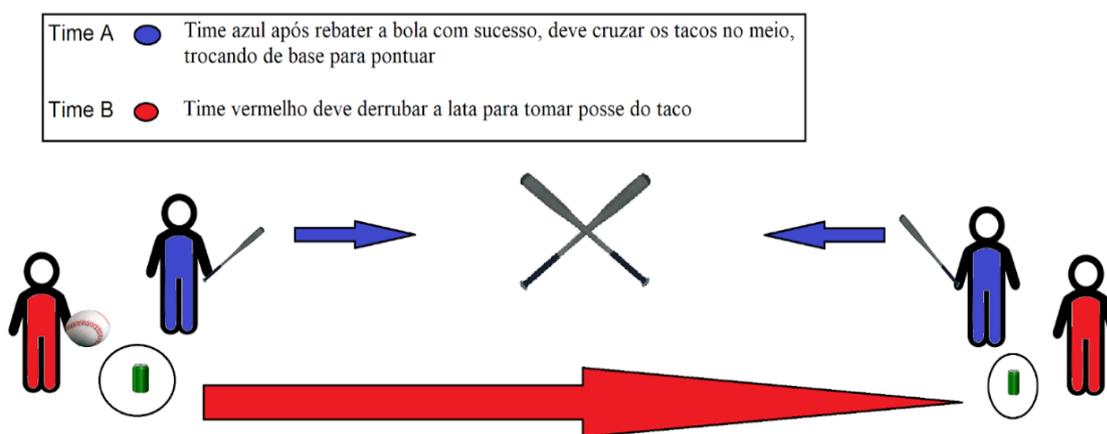
1ª - Só é possível marcar pontos, quem possui o taco;

2ª - O jogador com o taco, deve manter o taco no chão dentro da área delimitada, protegendo assim o seu determinado objeto;

3ª - Os jogadores lançadores poderão derrubar a lata ou outro objeto ou “queimar” com a bolinha os outros jogadores para poder ganhar o taco;

4ª - Para ganhar o jogo, estipulamos 10 pontos. Entretanto, vale dizer que não haverá eliminação da equipe (A) que não fizer pontos antes da outra equipe (B);

FIGURA 1 – TACOBOL



4.2 Base 4

O Base 4 possui muitas semelhanças com o Beisebol de fato e algumas delas já apareceram na revisão. Já o que difere vai aparecer aqui, tendo em vista que é a nossa atividade principal como forma de aproximação com a modalidade oficial do Beisebol. Melo (2008) destaca:

No Base 4, os participantes são divididos em duas equipes, alternando-se entre ataque e defesa. Delimita-se um quadrado com lados de aproximadamente 10 metros para ser o campo de jogo;

Em cada vértice e no baricentro do quadrado é desenhado um círculo, ou utilizam-se arcos, para delimitar as bases e o espaço do arremessador;

Um de cada vez os jogadores da equipe atacante colocam-se na 1ª base a fim de rebater a bola o mais longe possível. Se conseguirem rebater, corre em direção à 2ª base. Ao mesmo tempo os defensores tentam apanhar a bola e passar para o arremessador, este ao segurar

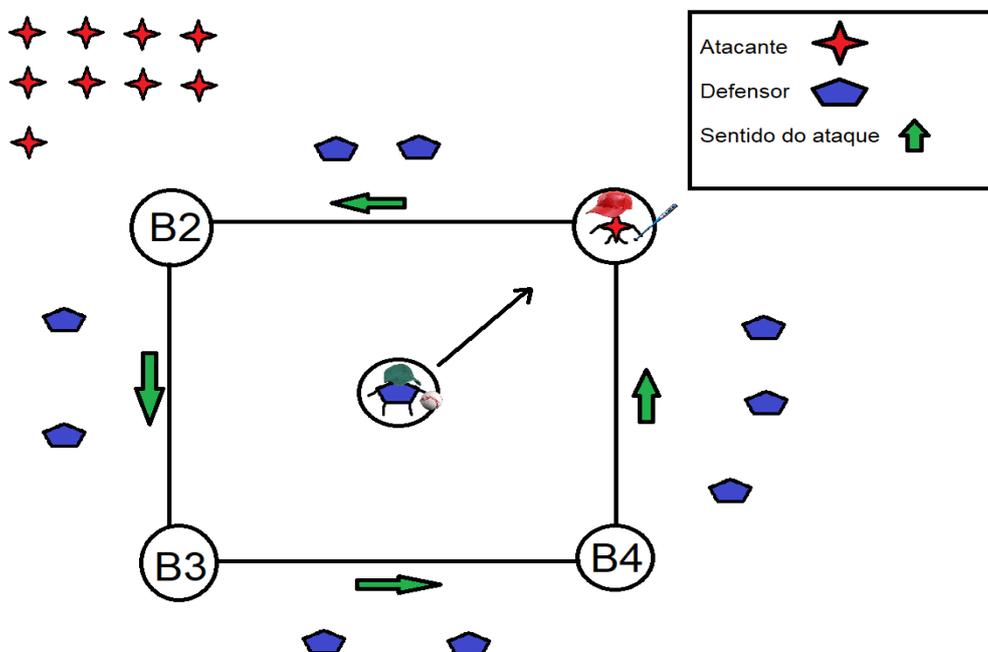
a bola, deve colocá-la no chão, para impedir a progressão do atacante. O rebatedor poderá progredir em direção a quantas bases conseguir em uma corrida. Se estiver ameaçado estaciona em uma base e aguarda o próximo rebatedor. Um ponto é feito quando um atacante percorre as três bases (B2, B3 e B4) e chega à 1ª base.

Não diferentemente do Tacobol, o Base 4 possui regras para haver uma mesma coesão entre jogadores:

- 1ª- Não é permitido sair e retornar para a mesma base;
- 2ª- Não é permitido dois jogadores na mesma base;
- 3ª- Eliminação caso o jogador tenha três tentativas consecutivas de rebatimento;
- 4ª- Eliminação quando a bola rebatida é apanhada sem tocar o solo;
- 5ª- Avanço para a base seguinte toda vez que o arremessador fizer quatro maus arremessos consecutivos;

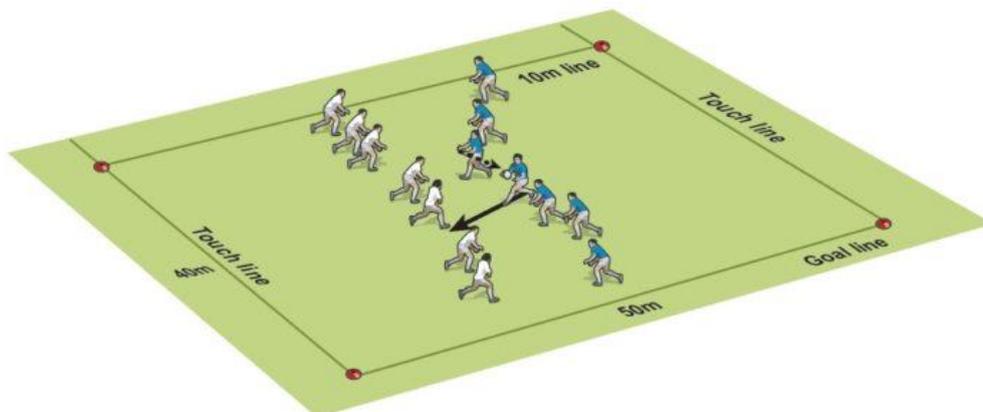
Assim como feito no Tacobol, confeccionamos e disponibilizamos uma ilustração, visando o melhor entendimento da atividade:

FIGURA 2 – BASE 4



4.3 Tag Rugby

FIGURA 3 – TAG RUGBY



A iniciação ao Rugby na escola busca se desenvolver em torno do Tag Rugby, pois conseguimos evitar o contato físico do tackle e fortalecer a idealização da troca de passes. Além disso, as regras do próprio Tag Rugby ajudam a compreender melhor essa sugestão, dessa forma, é necessário destacar algumas, no caso:

1ª - A bola em todo momento será transportada com as duas mãos, até mesmo quando houver o passe;

2ª - A bola só pode ser passada para o lado ou para trás, essa regra é uma das principais características do Rugby;

3ª - O indivíduo que possuir a bola, não pode empurrar o adversário ou impedir que retirem a sua Tag;

4ª - Quando ocorre a remoção da Tag, o jogador com a bola em mãos deve parar e passar a bola até 3 segundos;

5ª - Equipe é composta com pelo menos 5 a 7 jogadores, dentre eles(as) no mínimo 2 homens e 2 mulheres;

6ª - O jogo inicia-se com um chute livre com a bola no chão e a falta se dá com chute livre (Drop-goal) na mesma posição que ocorreu;

7ª - A falta acontece quando: um jogador intencionalmente joga a bola com o pé, ocorre um passe para frente, derrubar um jogador, encostar ou sair pela linha lateral (bola ou jogador)

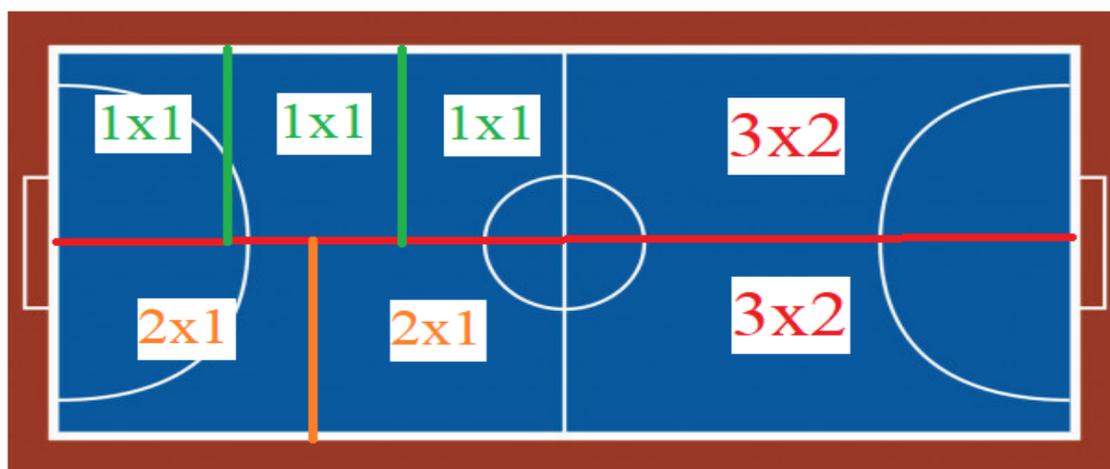
8ª - Sempre que ocorrer a retirada do Tag (fita), deve-se: gritar Tag, levantar o braço e entregar a fita;

A pontuação ocorre quando o jogador alcança a linha de fundo (Try) que vale um ponto, sem ser obrigatório o toque da bola no chão e o princípio do jogo sempre ocorre com avanço da bola com o jogador correndo, pois não há possibilidade de passes para frente. Para praticar determinado elemento, buscamos explorar por meio dos mini-jogos.

4.4 Mini-jogos

Vemos também, necessário explicar os mini-jogos propostos nos planos de aula, que são: 3x2, 2x1 e 1x1. Contudo, visando a uma melhor compreensão, teremos como apêndice uma proposta de divisão da quadra apresentada a seguir:

FIGURA 4 – MINI-JOGOS



O 3x2, funciona como um sistema de ataque e defesa, onde a equipe de 3 ataca para chegar até a linha de fundo (área do Try) trocando passes, enquanto a equipe de 2 jogadores defende buscando impedir o avanço com o tackle “viável”/apropriado, denominado tag.

A atividade 1x1 desenvolve-se em torno da agilidade do jogador, em que um ficará com a posse de bola e deve tentar avançar até a linha lateral apenas se esquivando do defensor. Caso ocorra 3 tackles (Tag), troca o jogador com posse.

Por fim, a atividade 2x1, tem desenvoltura na troca de passes. A dupla deve evitar ser “tackleado” por meio dos passes, sempre buscando a linha lateral.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das pesquisas relacionadas a bibliografia, a Scielo se mostrou insuficiente na busca pelas mesmas palavras-chave, tendo vários resultados sobre desportos e atletas, que são temáticas não interessantes para nós. Por isso, tendo em vista a pouca quantidade de textos encontrados nas livrarias online relacionados com o nosso tema, acabamos recorrendo à pesquisa no Google, digitando primeiramente o nome do esporte, seguido por: “educação física escolar ou aula de educação física”, ficando, por exemplo, da seguinte forma: “rúgbi/rugby educação física escolar” e “beisebol aula de educação física”. Com isso, como já era de se esperar foram gerados vários resultados e deles extraímos 7 textos que julgamos que contemplam o nosso tema, sendo eles: Rugby: inserção nas aulas de Educação Física escolar (MENDES et al. 2012), O Rugby dentro da escola: ampliando conhecimentos e quebrando paradigmas sobre o esporte (SANTANA ; LIRA, 2013), O Rugby na Educação Física Escolar: Relato de uma prática (MELLO ; PINHEIRO, 2014), Ensino do rugby no meio escolar (VAZ, 2005), É possível o beisebol ser trabalhado nas aulas de Educação Física escolar? (MELO, 2008), Futebol americano e Beisebol em aulas de educação física: experiências em debate (BAIA; BONIFÁCIO, 2016) e Subprojeto pibid em educação física: experiências com o ensino de esportes não tradicionais (FERREIRA et al. 2014).

Existem inúmeras possibilidades e estratégias para se utilizar em torno da metodologia a fim de ser a mais eficiente, entretanto, uma perspectiva sobre os estudos (ALMEIDA; CAUDURO, 2007; DARIDO et al., 1999; MARTINELLI et al., 2006; PEREIRA; SILVA, 2004), é de que: “o importante é que o professor ensine e não simplesmente cobre o que não ensinou. Para mais, de acordo com Almeida e Cauduro (2007) os discentes fazem questão de um professor que respeite as individualidades/dificuldades de cada um, bem como, utilize-se de práticas corporais já vividas pelos alunos. Drews, et al. (2011) afirma que:

Os procedimentos didáticos pedagógicos do professor influenciam sobre a qualidade das aulas e, conseqüentemente, sobre a motivação do aluno. O professor que leva a sério o que faz que alie à sua competência técnica ao compromisso de ensinar, que desperta a criatividade e conduz os alunos à reflexão, certamente não terá alunos desinteressados ou desanimados, mesmo porque, o professor leva

grande vantagem sobre os demais componentes curriculares, pois a EF, por si só é uma prática motivadora.

Em observação ao envolvimento dos alunos com a aula de Educação Física: muitos professores veem vários alunos sem interesse na aula, sentados em arquibancadas ou mexendo no celular, para isso, o professor deve adotar técnicas e manobras para incluir tais alunos. Vale dizer que no perfil da Educação Física, é comum deparar-se com competitividade e características específicas, que podem abrir espaços para comportamentos que afastam discentes de alguma modalidade pelo medo da frustração da derrota em determinado momento da competição (TENÓRIO; LOPES, 2013). Outras possibilidades devem ser incluídas para evitar experiências negativas nas escolas e, para isso, é interessante contemplar o máximo de materializações corporais possíveis dentro do espectro da cultura corporal de movimento. Assim, Betti e Zuliani (2002) constatam que em 1960 na Europa e Estados Unidos, e posteriormente no Brasil, os cursos tiveram a iniciativa de se preocuparem com os novos conhecimentos vinculados com a área da Educação Física, dessa forma, surgem novas propostas, objetivos e intuítos em paralelo com a prática pedagógica, a fim de tornar o aluno um praticante ativo que goze dos componentes da cultura corporal de movimento.

Diante do contexto que as aulas de Educação Física podem ser caracterizadas, compreendemos que é de extrema importância iniciar de forma que o aluno tenha interesse do começo ao fim, para isso, optamos pelo processo de confecção do material, principalmente sobre a aula de Beisebol, pois acreditamos que faz parte de um incentivo didático, aproximando os alunos da aula, assim como é traçado um paralelo com a possível reutilização de materiais recicláveis. Todo processo pode promover o envolvimento dos discentes em um perfil coletivo e de camaradagem, e acreditamos que as aulas colocam-se como uma alternativa extremamente viável para tal envolvimento, e essa forma de construir o material, pode e deve ser pensada para ir além do óbvio (o convencional) que delimita o uso do material apenas para determinada função. No caso, idealizamos uma aproximação dos alunos com o que eles confeccionaram, despertando a vontade de experimentar o que foi construído, visualizando o instrumento como parte do seu processo, aquilo que ele pode

chamar de seu. Ainda sobre o material didático, é necessário esclarecer que sua ausência pode comprometer os resultados, tendo em vista que esses materiais confeccionados podem facilitar ou serem ferramentas necessárias para o processo de aprendizagem.

Ao apresentar a sequência didática do Tag Rugby e Base 4, nos preocupamos em ir além de mostrar ao aluno uma nova prática corporal, mas sim demonstrar que ele pode conhecer o conteúdo Rugby e Beisebol propriamente dito, e identificar um novo elemento que ele pode incorporar em sua cultura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluímos que enxergamos os esportes não convencionais como possibilidade de ensino a partir do momento que exista uma associação com práticas corporais que remetem a modalidade a ser trabalhada, assim como são apresentadas neste estudo, isso é, o Base 4 está para o Beisebol e o Tag Rugby está para o Rugby, entre diversas outras possibilidades, como Curling, Hóquei, Futebol Americano por exemplo, que em um primeiro momento podem parecer impraticáveis no determinado espaço para as aulas de educação física, mas buscando certas modificações e abordagens diferentes podem se transformar em possibilidade dentro do ambiente escolar.

Vale ressaltar a importância do papel do professor em relação ao planejamento, preparação e ação sobre os conteúdos que buscamos explorar nas aulas, pois é extremamente incomum o domínio dos mesmos na nossa cultura e vemos que o professor tem a obrigação de ser capaz de propor ao discente o aprendizado e mínima desenvoltura sobre o assunto. Entretanto, evidentemente, o professor não assume apenas um papel de transmissor de conhecimento, assume sobretudo a capacidade de tornar o sujeito aluno em um ser autônomo, crítico e capaz de identificar os elementos que ainda desconhece.

Lembrando que, ao pensar sobre tais abordagens, houve a preocupação quanto a prática por conta da condição de pandemia, que condicionou as aulas nas escolas serem apenas teóricas ou físicas em suas casas (online), limitando assim nossas propostas à um cunho teórico com uma sequência de atividades com a possibilidade de realizá-las de forma prática. Desta forma, tais práticas inovadoras podem contribuir para a legitimação da nossa área e possibilitar novas vivências aos alunos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P.C.; CAUDURO, M.T. **Desinteresse pela Educação Física no ensino médio**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 11, N°106, Março de 2007.

BAIA, A.C; BONIFÁCIO, I.M; MACHADO, R.B. **Futebol americano e beisebol em aulas de educação física: experiências em debate**. Uberaba, Minas Gerais: Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Revista Iniciação & Formação Docente Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior, Janeiro de 2016.

BETTI, M; ZULIANI, L. R. **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie da educação física e esporte, v. 01, n 01, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo. Cortez, 1992.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY - **CBRu** - Disponível em <http://www.brasilrugby.com.br> – Acessado em: 8 de Janeiro de 2021.

COSTA, L.C.A; NASCIMENTO, J.V. **O Ensino da Técnica e da Tática: Novas Abordagens Metodológicas**, R. da Educação Física/UEM, Maringá, 2004.

COUTINHO, F. N.; SILVA, S.P.A.S. **Conhecimento e Aplicação de Métodos de Ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na Formação Profissional em Educação Física**. Mooca, SP, Conhecimento e Aplicação de Métodos de Ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na Formação Profissional em Educação Física, 2009.

DARIDO, C. S. et al. **Educação física no ensino médio: reflexões e ações**. Motriz. Volume 5, N° 2, São Paulo, Dezembro de 1999.

DREWS, R. et al. **Interesse dos alunos do ensino médio pelas aulas de Educação Física através do Projeto Cultura Esportiva na Escola, PIBID, CAPES**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, n° 154, Março de 2011.

DUARTE, A. **História dos esportes**. 4. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

FERREIRA, K. D. et al. **Subprojeto pibid em educação física: experiências com o ensino de esportes não tradicionais**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, II Seminário Estadual PIBID do Paraná, Foz do Iguaçu, Outubro de 2014.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P.E. **Entre o “não mais” e o “ainda não”:** pensando saídas do não lugar da EF escolar II. Cadernos de Formação RBCE, v.1, n.2, 2010, p. 10-21.

MARTINELLI, C. R. et al. **Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 5, n. 2, 2006.

MELLO, B.J; PINHEIRO, S.E. **O RUGBY NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATO DE UMA PRÁTICA.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Cadernos de Formação RBCE, p. 20-32, Março de 2014.

MELO, Z.R. **É possível o beisebol ser trabalhado nas aulas de Educação Física escolar?.** EFDportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 13, Nº 119, Abril de 2008.

MENDES, A. S. et al. Rugby: inserção nas aulas de Educação Física escolar. EFDportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 17, Nº 171, Agosto de 2012.

NASCIMENTO, B. B.; GARCES, B.B.S. **Educação Física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física.** EFDportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 17, Nº 178, Março de 2013.

OLIVEIRA, R.H. **Problemas e soluções da Educação Física Escolar: um estudo bibliográfico.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2011.

PAIS, L. C. **Uma análise do significado da utilização de recursos didáticos no ensino da Geometria.** 23a Reunião da Anped, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1919t.PDF>

PEREIRA, F. M.; SILVA, A. C. **Sobre os conteúdos da Educação Física no ensino médio em diferentes redes educacionais do Rio Grande do Sul.** Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 15, n. 1, 2004.

REIS D.P.P; PEREIRA A.M; MARILENE M. **A Hegemonia do Esporte na Escola.** PR, IX Congresso Nacional de Educação, III Encontro Nacional de Psicopedagogia, Out, 2009.

SANTANA, B.S; LIRA, C.H.M. **O rugby dentro da escola: ampliando conhecimentos e quebrando paradigmas sobre o esporte.** Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013.

TENÓRIO, J.G; LOPES, C.S. **Educação Física Escolar e a não participação dos alunos nas aulas.** Ciência em Movimento, Mato Grosso, Ano 15, nº31, Fevereiro de 2013.

VAGO, T. M. **Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

VAZ, T.M.L. **Ensino do rugby no meio escolar.** efdeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 10, N° 81, Fevereiro de 2005.

8. ANEXOS

8.1 Planos de aula

PLANO DE AULA 1 RUGBY
<p>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p>Local da Aula: Sala de aula</p> <p>Turma: 8º Ano</p> <p>Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva</p>
<p>TEMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Introdução ao Rugby e Quiz
<p>CONTEÚDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rugby
<p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender as regras e o perfil histórico do Rugby; • Conhecer novos elementos dos esportes não hegemônicos;
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>Propositiva 01 - Em um primeiro momento introdutório, buscaremos realizar perguntas para diagnóstico, como: "O que vocês sabem a respeito de Rugby?", "Quais regras vocês conhecem?" e "Conhecem algum esporte similar?".</p> <p>Propositiva 02 - Após o primeiro momento, iremos apresentar os aspectos históricos e algumas regras, assim como seus materiais e outras características do jogo. Além disso, vamos propor um diálogo acerca da possibilidade da prática na escola.</p> <p>Propositiva 03 - Assim, os alunos serão convidados a sentar em roda e faremos a divisão da turma em dois grupos para realizar uma dinâmica de Quiz, visando reforçar o que foi apresentado até o momento. Os alunos deverão responder corretamente às perguntas de múltipla escolha que serão verbalizadas. E por fim, faremos ainda em roda a avaliação do que foi compreendido na aula e discutir seus elementos.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quadro/Projektor
<p>AVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos escolares antes, durante e depois da propositiva.

PLANO DE AULA 2 RUGBY	
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Local da Aula: Quadra	
Turma: 8º Ano	
Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva	
TEMA	
<ul style="list-style-type: none"> • Fundamentos do Rugby 	
CONTEUDO	
<ul style="list-style-type: none"> • Rugby 	
OBJETIVOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o conhecimento motor e esportivo; • Experimentar corporalmente os movimentos do Tag Rugby; • Conhecer fundamentos básicos do Rugby. 	
PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	
<p>Propositiva 01 - Para iniciar a aula, começaremos relembrando o encontro passado com regras e alguns detalhes, e em seguida demonstrar a regra principal do Rugby brevemente(o passe para trás ou para o lado);</p> <p>Propositiva 02 - Logo após, haverá um circuito de atividades e nele é necessário que ocorra uma divisão da quadra em quatro pedaços, sendo que dois pedaços (metade da quadra) serão designados para a atividade denominada 3x2, um pedaço para três mini-jogos denominados 1x1 e por fim, um pedaço para duas atividades chamadas 2x1. Vale dizer, que para melhor compreensão, está anexado a proposta de divisão da quadra, e todas as atividades estão explicadas com detalhes no início deste tópico de Rugby.</p> <p>Propositiva 03 - Assim, iremos seguir para a atividade pique bandeira com elementos do Tag, que consiste na mesma estrutura do tradicional. Entretanto, os alunos estarão com duas fitas junto a cintura (similar ao Tag Rugby), em que, um jogador só pode ser queimado pelo adversário se o mesmo possuir a posse de bola e, poderá ocorrer passes (para trás e para o lado) para evitar a queima, vale dizer, que haverá uma bola em cada área do gol.</p> <p>Propositiva 04 - No fim da aula, será feita uma breve roda de conversa para questionar se gostaram, tiveram alguma dificuldade e o que esperam para a continuidade da próxima aula.</p>	
RECURSOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Bolas (Rugby, futsal, vôlei ou basquete); • Fita de EVA; • Coletes; • Cones; 	
AVALIAÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos escolares antes, durante e depois da propositiva. 	

PLANO DE AULA 3 RUGBY
<p>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p>Local da Aula: Quadra</p> <p>Turma: 8º Ano</p> <p>Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva</p>
<p>TEMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iniciação ao Tag Rugby
<p>CONTEÚDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rugby
<p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vivenciar os elementos do Tag rugby como iniciação ao Rugby; • Experimentar corporalmente os movimentos específicos do Tag Rugby;
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>Propositiva 01 - Iniciaremos a aula com uma roda de conversa para relembrar brevemente o que já foi abordado, assim como apresentar algumas regras específicas da prática derivada do Rugby que abordaremos, que no caso se chama Tag Rugby.</p> <p>Propositiva 02 - Num segundo momento e resto da aula, iremos de fato para a prática do Tag Rugby (escrito com mais detalhes no início deste tópico). Contudo, tendo uma abordagem mais lenta, com mais pausas para tirar dúvidas e adotando uma eventual maleabilidade nas regras progredindo até chegar nas regras do Tag Rugby de fato. Desta forma, visando fixar de vez tudo que compõe este jogo para na próxima e última aula ter um jogo completo de maneira fluída.</p> <p>Propositiva 03 - Por fim, será proposto uma roda de conversa final para levantar questões sobre como eles se sentiram ou se já jogaram algum jogo similar, e o que acharam do jogo em específico.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Coletes; • Bola de Rugby (se caso a escola não possuir uma, seria ideal que o professor disponibilizasse); • Fita de EVA; • Cones;
<p>AValiação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos escolares antes, durante e depois da propositiva.

PLANO DE AULA 4 RUGBY
<p>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p>Local da Aula: Quadra</p> <p>Turma: 8º Ano</p> <p>Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva</p>
<p>TEMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tag Rugby
<p>CONTEUDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rugby
<p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vivenciar este jogo aproximado do Rugby; • Praticar por completo o jogo Tag Rugby;
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>Propositiva 01 - Inicialmente na última aula, buscaremos abordar o tema da perspectiva mais prática possível para os alunos efetivamente jogarem com as regras do Tag Rugby. Dessa forma, inicialmente, será feito uma breve conversa das aulas anteriores e rapidamente iniciar a divisão dos times (mistos) para efetivar a atividade;</p> <p>Propositiva 02 - Feito a divisão, os times jogarão partidas da atividade proposta visando a prática completa do jogo em grupo;</p> <p>Propositiva 03 - Nesse último momento, os alunos serão convidados a sentar em roda e comentar se gostaram da prática, como se enxergam dentro do tema e como se sentiram;</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Coletes; • Bola de Rugby (se caso a escola não possuir uma, seria ideal que o professor disponibilizasse); • Fita de EVA; • Cones;
<p>AVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos escolares antes, durante e depois da propositiva.

PLANO DE AULA 1 BEISEBOL	
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Local da Aula: Sala de aula	
Turma: 8º Ano	
Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva	
TEMA	
<ul style="list-style-type: none"> • Introdução a história e material didático 	
CONTEÚDO	
<ul style="list-style-type: none"> • Beisebol 	
OBJETIVOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Produzir materiais que auxiliam na prática das oficinas; • Aprender o básico das regras e o perfil histórico do Beisebol; • Conhecer novos elementos dos esportes não hegemônicos; 	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
<p>Propositiva 01 - Em um primeiro momento, buscaremos realizar algumas perguntas introdutórias para diagnóstico, como: "O que vocês sabem a respeito do Beisebol?", "Quais regras vocês conhecem? Como jogar?".</p> <p>Propositiva 02 - Após o primeiro momento, iremos apresentar os aspectos históricos e algumas regras, assim como seus materiais e outras características do jogo. Além disso, vamos propor um diálogo acerca da possibilidade da prática na escola.</p> <p>Propositiva 03 - Em vista da apresentação e diálogo ocorrido, será sugerido a construção do taco, que no caso, será utilizado nas futuras aulas. Para tal, será usado uma garrafa pet já furada na base do bocal e no final da mesma, assim, os alunos serão convidados a fazer a montagem. Usando a pet já furada e com tiras de EVA no interior, coloca-se o cabo de vassoura até o final da pet e utiliza-se dos furos feitos anteriormente pelo professor (a fim de evitar acidentes) para prender o cabo com o parafuso, assim, tem-se um taco resistente e com maior taxa de precisão. Por fim, vale ressaltar que para estimular a construção, será dito que o material vale nota avaliativa.</p>	
RECURSOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro/Projeter • Cabo de vassoura • Garrafa pet • Tiras de EVA • Parafusos • Chave de fenda 	
AVALIAÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos escolares antes, durante e depois da propositiva. 	

PLANO DE AULA 2 BEISEBOL
<p>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p>Local da Aula: Quadra Turma: 8º Ano Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva</p>
<p>TEMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quiz e fundamentos do Beisebol
<p>CONTEUDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Beisebol
<p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recordar as regras do Beisebol; • Ampliar o conhecimento motor e esportivo; • Experimentar corporalmente os movimentos do Beisebol;
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>Propositiva 01 - Após a primeira aula, é interessante ressaltar fundamentos e regras para melhor esclarecimento através de uma roda de conversa. Usaremos o Quiz a fim de relembrar os elementos do jogo, por exemplo: "como é feita a pontuação no jogo?", "Quantos jogadores o jogo possui?" e etc.</p> <p>Propositiva 02 - No segundo momento, buscaremos realizar três atividades para desenvolvimento dos fundamentos, a primeira atividade busca dividir a quadra em 4 estações em que cada uma, terá 4 bases para o aluno correr em cada após o arremesso certo dentro de um local específico, sendo demarcado com um quadrado feito de giz na parede ou um bambolê preso por linha na grade. Desta forma, se inicia a familiarização dos alunos com os elementos do jogo relacionados à corrida, arremesso e posicionamento.</p> <p>Propositiva 03 - Após a realização da atividade que foca na corrida e lançamento correto da bola, iremos iniciar o rebatimento de fato. Desta vez, os alunos irão formar duplas, em que, um vai arremessar e coletar a bola, enquanto o outro vai rebater. Vale dizer que os alunos rebatedores, estarão posicionados contra a delimitação da quadra para evitar que a bola percorra longas distâncias.</p> <p>Propositiva 04 - Na última proposta do dia, que no caso, é a que mais se aproxima do jogo, além de poder ser conhecida entre os alunos, é uma brincadeira chamada Tacobol ou Bet 's. Esta atividade consiste no confronto entre duas duplas, em que o objetivo é fazer pontos cruzando os tacos no meio da quadra após o rebatimento da bola. A equipe lançadora tem o objetivo de tentar derrubar o alvo da equipe adversária (rebatidora) enquanto eles não estiverem nas bases, para assim tomar o taco (inverter os papéis) e conseguir fazer pontos. Existem diversas regras para readequação do jogo para atender delimitações ou deixar o jogo mais dinâmico.</p> <p>Propositiva 05 - Por fim, será proposto uma roda de conversa final para levantar questões sobre como eles se sentiram, o que acharam e o que podem esperar das próximas aulas.</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bambolê ou Giz; • Barbante de algodão; • Bola de tênis ou similar; • Taco confeccionado; • Colete; • Lata ou qualquer objeto para servir como alvo do Bet 's;
<p>AValiação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos escolares antes, durante e depois da propositiva.

PLANO DE AULA 3 BEISEBOL	
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Local da Aula: Quadra	
Turma: 8º Ano	
Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva	
TEMA	
<ul style="list-style-type: none"> • Iniciação ao Base 4 	
CONTEUDO	
<ul style="list-style-type: none"> • Beisebol 	
OBJETIVOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar corporalmente os movimentos do Base 4; • Vivenciar o base 4 como aproximação do Beisebol; 	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
<p>Propositiva 01 - Iniciaremos a aula com uma roda de conversa para relembrar brevemente o que já foi abordado, assim como apresentar algumas regras específicas da prática derivada do Beisebol que abordaremos, que no caso se chama Base 4.</p> <p>Propositiva 02 - Num segundo momento e resto da aula, iremos de fato para a prática do Base 4 (escrito com mais detalhes no início deste tópico). Contudo, tendo uma abordagem mais lenta, com mais pausas para tirar dúvidas e adotando uma eventual maleabilidade nas regras progredindo até chegar nas regras do Base 4 de fato. Desta forma, visando fixar de vez tudo que compõe este jogo para na próxima e última aula ter um jogo completo de maneira fluída.</p> <p>Propositiva 03 - Por fim, será proposto uma roda de conversa final para levantar questões sobre como eles se sentiram ou se já jogaram algum jogo similar, e o que acharam do jogo em específico.</p>	
RECURSOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Bambolê ou Giz; • Bola de tênis ou similar; • Taco confeccionado; • Colete 	
AVALIAÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos estudantes antes, durante e depois da propositiva. 	

PLANO DE AULA 4 BEISEBOL
<p>DADOS DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p>Local da Aula: Quadra</p> <p>Turma: 8º Ano</p> <p>Discentes: Breno Fazio Antunes, Paulo Henrique Romagna da Silva</p>
<p>TEMA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Base 4 - Jogo Integral
<p>CONTEÚDO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Beisebol
<p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vivenciar um jogo que remete ao Beisebol; • Experimentar o material confeccionado em prática; • Praticar por completo o jogo Base 4
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>Propositiva 01 - Buscaremos na última aula, abordar o tema da perspectiva mais prática possível para os alunos efetivamente jogarem com as regras do Base 4. Dessa forma, inicialmente, será feito uma breve conversa das aulas anteriores e rapidamente iniciar a divisão dos times (mistos) para efetivar a atividade;</p> <p>Propositiva 02 - Feito a divisão, os times jogarão partidas da atividade proposta visando a prática completa do jogo em grupo;</p> <p>Propositiva 03 - Nesse momento, os alunos serão convidados a sentar em roda e comentar como se enxergam dentro do tema e como se sentiram;</p>
<p>RECURSOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bambolê ou Giz; • Bola de tênis ou similar; • Taco confeccionado; • Colete
<p>AVALIAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iremos avaliar a atividade conforme o envolvimento dos escolares para com a propositiva instituída. • Estar atento aos retornos dos escolares antes, durante e depois da propositiva.

8.2 Confeção do material didático





